

MARIÁPOLIS

Noticiário do Movimento dos Focolares



A Emmaus e o Jesús no Quênia

A África em primeiro plano

Nova configuração
Europa e América do Norte
aceitaram o desafio

A Obra hoje
Um espaço de reflexão
seguindo os passos
do Papa Francisco



Nairobi, maio de 1992.
Chiara na Mariápolis Piero

A «luz branca», um grande caminho para a evangelização

A recente viagem da Emmaus e Jesús ao Quênia salientou – como aconteceu na viagem de Chiara à África, em 1992 – a necessidade de uma evangelização em harmonia com a cultura local. Em 1992, Chiara falou sobre a «inculturação focolarina» e sobre a «luz branca» (o nome que ela deu à luz do Ideal), que, pela sua ausência de cor, podia iluminar e colorir-se com as várias culturas. Para captar diretamente do coração de Chiara o profundo significado desta sua intuição, propomos alguns trechos do Diário que ela escreveu naqueles dias.

Nairobi, 7 de maio de 1992

«Quando fomos à América do Sul, no ano passado, tínhamos uma ideia fundamental, que nasceu de Jesus abandonado. Ideia que exercia e exerceu, também depois, uma poderosa atração em nós e em muitos: a ideia do "nada", de se tornar "nada", de se ser "nada" como Jesus abandonado, que se anulou por amor ao Pai e a nós. Este conceito, ou melhor, esta realidade, atraía-nos como um remoinho.

Este ano, aqui em África, compreendo melhor como atuá-la e como ela tem um reflexo não só na nossa vida espiritual, mas na evangelização, no "ALARANJADO" - como nós dizemos - que aqui em África vem especialmente em relevo nos seus numerosos pormenores.

De facto, o "nada" que tanto ansiamos não se atua simplesmente com o saber perder, por exemplo, cada apego que aparece, de tanto em tanto, na nossa vida espiritual.

É algo mais, muito mais.

É a atitude que devemos ter quando encontramos um irmão, sobretudo pela primeira vez. Nós devemos ser o "nada" diante dele.

Aliás, o irmão é, nada mais, nada menos que o "caminho" que nos conduz a Deus, que nos permite ter a união com Deus.

1 O aspecto do "Testemunho e irradiação"

Constitui, portanto, um valor inestimável, a ponto de ser - como São Vicente de Paulo definia o pobre - o nosso "patrão". Sim, "patrão", porque nós estamos neste mundo como Jesus, que veio, não para ser servido, mas para "servir". Por isso o irmão é o "patrão".

Mas, se assim é, temos que deixar que seja ele a tomar a iniciativa, que tenha a possibilidade de ser "pai" para nós e nós os "filhos", como no relacionamento trinitário.

Então é necessário, vivendo o nada de nós, colocar-nos imediatamente na atitude de ouvir, de dar espaço, para o acolher em nós.

[..]

O Filho acolhe completamente o Pai, realizando assim o seu ser "pessoa". Também o Verbo Encarnado, Jesus, aqui na Terra, acolheu o Pai estando unicamente na atitude de obediência ao Pai.

Se a nossa atitude for esta: estar completamente vazios de nós para aceitar o irmão, o irmão exprimir-se-á, solicitado também pelas nossas perguntas, que podem ser várias, mas que lhe darão a possibilidade de se manifestar. Essas perguntas não são feitas ao acaso, mas devem ser sugeridas pelo Espírito Santo, presente na nossa alma. E o Espírito, no nada, fala. Solicitado por nós, porque o nada que somos não é um nada morto, mas um nada de amor.

A atenção em ouvir, que deve ser também o nosso modo de viver o Ideal diante do irmão, é um modo, por assim dizer (usando uma palavra inadequada), "pilotado" pelo Espírito Santo em nós.

Então o irmão responde e, respondendo, dá-se e - estranhamente - no fim da conversa, durante a qual não dissemos nem sequer uma palavra sobre o nosso espírito, sobre os nossos objetivos, vemos que o próximo ficou feliz, justamente porque deu. Não só, mas vemos que demonstra interesse por nós, por aquilo que temos no coração, porque o amor, presente nele, o ilumina, o faz compreender, embora em segredo, que temos uma luz para oferecer e ele deseja-a. Então dizemos poucas palavras, que ele compreende, e compreende muito mais do

que aquilo que as próprias palavras exprimem.

Deste modo passamos a chama do Ideal a outro irmão.

Este "fazer-se um" não significa apenas dar de comer a quem tem fome (também isso é necessário e deve, se for o caso, preceder o resto), mas significa dar-se, morrer pelos outros em cada encontro: não dar uma coisa por amor, mas "ser o amor".

[..]

Fui convidada para almoçar com o Núncio, D. Faccani. Foi uma bela conversa, viva, interessantíssima. Ele tem uma visão global de toda a África, mas também do mundo, uma vez que, também ele, por causa do seu trabalho, conheceu muitas nações.

Mas o que mais me interessou foi o problema que predomina aqui no continente negro e que será objeto de estudo no próximo Sínodo dos bispos africanos: a inculturação. Ela toca muitos aspectos da vida cristã como, por exemplo, a teologia. Muitos não aceitam a teologia europeia apoiada na cultura greco-latina. Querem uma africana.

Perguntei ao Núncio se possuem pensadores. Alguns, respondeu ele, mas existem sobretudo noções válidas, que são transmitidas oralmente, que muitas vezes exprimem a Sabedoria. [..]

Eu pensei na Escola Abba, na teologia promissora e que emerge de algo que não tem raízes em nenhuma cultura, que é e será expressa por teólogos que se esforçam por "cortar as próprias raízes" para poderem aceitar-se melhor uns aos outros e a verdade.

E parecia-me perceber que essa luz branca poderia assumir todas as cores: colorir-se, enriquecer-se com cada cultura, exprimir-se segundo todas as culturas e ajudar a resolver o problema da inculturação, não só na África, mas em toda a parte.

[..] Nasceu, ou melhor, explodiu a "inculturação focolarina", tipicamente nossa, como a nossa contribuição para a inculturação mais vasta da Igreja africana».

Chiara Lubich



A Emmaus e Jesús no Quénia

Inculturação, família, Novas metas

Crónica de duas semanas inesquecíveis

Uma viagem intensa, memorável, fecunda: são só alguns dos adjetivos que acompanharam os dias da Emmaus Voce, do Jesús Moran e dos seus colaboradores, que chegaram ao Quénia no dia 14 de maio e que de lá regressaram no dia 1 de junho. Depois da sua viagem a Fontem, para o «Cry Die» em honra de Chiara (em janeiro de 2009), esta era, para a Emmaus, a segunda vez que se encontrava em África, como Presidente. Era uma visita muito esperada, que fez com que se encontrasse com as comunidades focolarinas do continente e lhe permitiu conhecer de perto a cidadela “Mariápolis Piero”, como declarou à sua chegada a Nairobi, respondendo à jornalista Rose Achieng, da Conferência episcopal do Quénia.

Havia muitos acontecimentos de relevo agendados: a décima primeira edição da Escola de inculturação (17-20 de maio), um encontro para Famílias Novas (21-22 de maio), uma jornada

para as famílias-focolar (23 de maio) e, a 28 de maio, o encontro com 400 representantes de quatro zonetas da África de Leste. Em cada um destes encontros a Emmaus e o Jesús tiveram ocasião de falar diretamente, dando o próprio contributo de luz e sabedoria.

A **Escola de inculturação**, que este ano tinha como tema: «Família e Inculturação em África», foi fundada por Chiara em 1992, para toda a África, precisamente aqui em Nairobi. Promove, como recordou a Emmaus aos 250 participantes, enumerando os seus princípios inspiradores, uma inculturação baseada no «mais profundo fazer-se um» da espiritualidade da unidade. Uma inculturação que se torna – e vimo-lo nestes dias com os factos – uma verdadeira troca de “prendas” (ver quadro ao lado). Nos cursos feitos ao longo dos seus 24 anos de vida, com cadência bial, aprofundaram-se



A escola para a inculturação

O que a África pode dar ao mundo

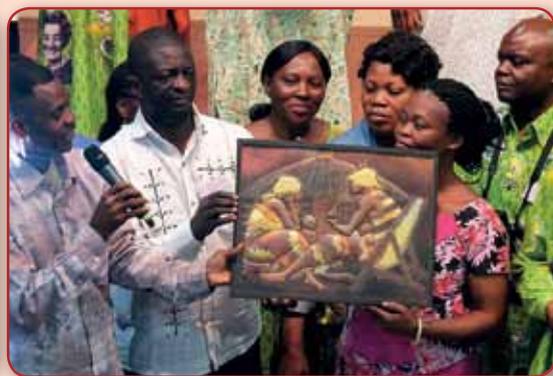
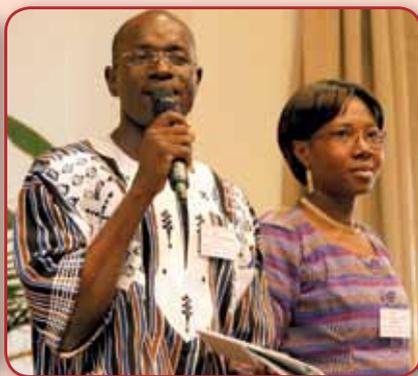
Eram 250, de toda a África, para aprofundar a «luz branca» do carisma da unidade

Passaram 24 anos desde que Chiara fundou a **Escola para a inculturação**, mas continuam a ser muito atuais os seus princípios inspiradores. De facto, eles “bebem” das verdades do Evangelho e, através do carisma da unidade, concedem à inculturação uma luz que Chiara, em 1992, definiu como «luz branca». Mas o que pretendia dizer Chiara com esta expressão?

A Emmaus, no seu discurso de introdução na escola, no dia 19 de maio, procura responder a esta pergunta: «*«É a Claritas – diz -, o Carisma, o Evangelho, o Ideal. É Jesus. É Jesus no meio... Poder-se-iam usar muitas outras definições, todas com a*

«Foi uma escola muito para além das nossas expectativas - exclamam Rémy Beller e Maria Magnolfi, docentes e responsáveis da escola – Foi uma “tempestade do Espírito”, uma graça que, no entanto, reclama um novo passo. O sonho seria que este trabalho de sensibilização e de assimilação feito até agora *ad intra (no interno)*, se possa também estender *ad extra (externamente)*, tornar-se uma instituição permanente e, deste modo, analisar os muitos aspectos da inculturação até a nível académico».

Renata Simon que, com Francisco Canzani, é Conselheira central para o aspeto «Sabedoria



mesma substância que é a luz de Deus. Deus que é luz, que é amor, que é vida». E, relembando algumas experiências de Chiara nas suas viagens à África, sobretudo em 1969 e 1992, explica como o povo africano foi para ela motivo de uma nova compreensão do Carisma, precisamente no que diz respeito à evangelização e à inculturação.

Seguiram-se dois dias intensos: temas, experiências e, sobretudo, muitos contributos dos participantes, até ao momento da conclusão, feito em conjunto com a Emmaus e o Jesús e com alguns dos organizadores do curso e outros focolarinos vindos com eles, de Roma, e a quem deram, em primeiro lugar, a palavra.

e estudo», exprime a surpresa por «uma humanidade completa» que conheceu aqui, «um povo de tal modo íntegro, que poderia “pilotar” os outros continentes no que respeita à nova evangelização». E Francisco, uruguaiano, afirma que «a criação de algo de permanente a nível académico é um sinal profético».

Também o Jesús disse que estava muito contente com o que surgiu nestes dias, em que *«tivemos uma nova revelação do mistério de Jesus africano, como lhe chamam aqui alguns teólogos. Assim como Maria deu “carne” a Jesus histórico, a Obra de Maria, na África, deve dar “carne” a Jesus africano e, através da evangelização, dar resposta* ▶

aos grandes dramas humanos que se vivem neste continente».

«Refletindo hoje em algumas experiências de Chiara e das primeiras focolarinas – confia a Emmaus – dizia a mim mesma: "Então, a 'luz branca' é Jesus, Jesus presente no meio de nós, Jesus que vai ao encontro do povo africano para responder aos seus problemas". A 'luz branca' é uma realidade sobrenatural, mas que se torna

humana, concreta, próxima, e que realmente nos pode transformar, a nós mesmos e aos outros. Ora, depois de 24 anos, a escola de inculturação chega a uma nova maturidade e, com formas e metodologias novas, esta "luz branca" poderá penetrar e iluminar cada vez mais [...] Será através de um instituto, de uma universidade, não sabemos. Temos que nos pôr a ouvir o Espírito Santo, com a certeza de que Ele nos vai guiar».

os mais variados assuntos: da propriedade e do trabalho, da educação, da comunicação, do significado do sagrado, do conceito de pessoa nas culturas africanas e aí por diante. Desta vez, tratando-se do tema sobre a família, os relatores detiveram-se na relação homem-mulher na cultura africana e sobre as respetivas funções de cada um, para depois aprofundar a instituição do matrimónio, como aliança e como lugar de transmissão de valores.



Por outro lado, «Percurso de felicidade» foi o título da **Escola de Famílias Novas**, em que participaram 270 pessoas, vindas de 22 nações de África. Estavam também presentes a Adriana e o Francesco Scariolo, responsáveis internacionais de Famílias Novas e mais dois casais da secretaria central: Maria e Raimondo Scotto, encarregados das famílias-focolar e Maria e Gianni Salerno. A característica desta escola, para além das temáticas aprofundadas à luz do ideal da unidade, foi uma ampla comunhão sobre como se vive em família, com os seus imensos desafios:

diversidade, transmissão da fé, das tradições, o lugar dos idosos, etc. Ao responder às perguntas dos participantes, a Emmaus e o Jesús sublinharam que é, precisamente, através das famílias que a «luz branca» do Carisma pode penetrar no continente africano. Citando o Papa Francisco, o Jesús disse: «A fé, antes de mais, transmite-se na família, um lugar privilegiado onde isto acontece». «Sinto-me renovado – comentou "logo ali" o Edgard Lokoko, de Angola –. Estes dias foram como uma boa gasolina para a minha alma. Agora, com a ajuda do Espírito Santo em nós, estamos mais preparados para enfrentar os desafios que encontramos nas nossas famílias». E Best, da Nigéria: «Volto para casa mais forte, decidida a tomar a iniciativa de amar, sem esperar nada em troca».

Foi também significativo o dia reservado às **famílias-focolar**, casais onde os dois cônjuges são focolarinos. Com elas, cerca de vinte, a Emmaus e o Jesús estiveram durante mais de uma hora e meia a responder às perguntas, e a iluminar a vocação específica que têm de multiplicar os focolares no mundo.

Outro momento central da permanência no



Quênia foi, sem dúvida, o **encontro com cerca de 400 representantes das comunidades do Movimento, na África de Leste**: Uganda (com o Sul do Sudão), Tanzânia, Burundi (com o Ruanda), Quênia (com a Somália, Gibuti, Eritreia e Etiópia). A festa, a alegria, as danças, as cores, os presentes oferecidos durante as próprias apresentações, podem-se só imaginar. Assim também o lindíssimo diálogo de perguntas e respostas.

Estes encontros da Emmaus e do Jesús, cruzaram-se com vários outros encontros feitos na própria cidadela e na capital. No dia 16 de maio, foram recebidos pelo cardeal de Nairobi, Mons. John Njue, que, juntamente com a sua bênção, expressou gratidão e encorajamento pelo trabalho e vida dos Focolares no Quênia. No dia 20 de maio tiveram ainda, na Nunciatura, uma troca animada de notícias, com o nuncio apostólico Mons. Charles Daniel Balvo, partilhando, sobretudo, preocupações e esperanças sobre os desafios da religião, de modo especial na zona do sul do Sudão.

No dia 23 de maio, veio à Mariápolis Piero o bispo Abraham Desta de Meki (Etiópia), e, no dia 26, houve a visita da «**Mama Ngina**», **viúva do primeiro presidente do Quênia, Jomo Kenyatta**. Uma visita que Chiara tinha apreciado muito, por ocasião da sua viagem ao Quênia, em 1992.

No dia 21 de maio, o Jesús fez uma locução sobre a inculturação à luz do carisma da unidade, aos membros da Faculdade de Teologia da **Catholic University of Eastern Africa (CUEA)**. «*O carisma da unidade, como tal - disse o Jesús - é um carisma inculturante, feito para a inculturação, porque se baseia no mais profundo fazer-se um, do qual falava Chiara*». Quatro dias depois, a Emmaus fez uma intervenção, na mesma universidade, falando - na Faculdade de Jurisprudência - a 300 pessoas, entre estudantes e professores, sobre «O Direito na sociedade contemporânea». Depois de ter analisado o sistema legislativo em África, delineou o contributo que a espiritualidade de comunhão pode dar à sua dimensão comunitária. Seguiu-se um *forum*, com comentários e perguntas interessantes dos participantes: «*Que,*

Nairobi, 27 de Maio.
Com o Dr. Kobia no IEM-K



através de vocês, nasçam muitas leis que sirvam para o bem comum», foi o auspício da Emmaus para os estudantes.

Juntamente com o Jesús, participou também, no dia 27 de maio, na **Conferência regional do Movimento Ecuménico Internacional - Quênia (IEM-K)**, com a presença de delegados de várias Igrejas da África de Leste e da Europa. Entre os *"guest-speakers"* estava o dr. Samuel Kobia, ex-secretário geral do Conselho Ecuménico das Igrejas e ex-presidente do IEM-K, que conheceu Chiara, pessoalmente. O tema tratado pela Emmaus foi sobre «Ecumenismo e reconciliação», no qual explicou como o diálogo é o caminho por excelência para chegar à paz, à harmonia e à unidade na sociedade. Como confirmação disso, foram as experiências que se seguiram, que ilustravam o diálogo como estilo de vida, uma cultura nova para as mulheres e os homens de hoje.

Foi um momento memorável a **inauguração da capela «Maria da Luz»**, realizada no domingo, dia 29 de maio, na Mariápolis Piero. Estavam presentes, na celebração eucarística presidida pelo Sr. Bispo de Lodwar, Dominic Kimengich, várias autoridades, entre as quais o embaixador italiano no Quênia, Mauro Massoni. Com igual intensidade foi celebrada uma Missa - na nova capela - no dia 31 de maio, antes de voltarem para Roma, em agradecimento por tudo aquilo que Deus realizou durante estas duas semanas de graças.

Willy Niyansaba

Em *Mariapoli online* está uma ampla reportagem da viagem à África, com entrevistas e uma galeria de fotografias.

Um espaço de reflexão

Seguindo os passos de Francisco

No Centro da Obra, consulta a peritos promovida pelas revistas *Gen's* e *Unità e carismi*, em colaboração com o aspeto «Sabedoria e Estudo». Estiveram também presentes a Emmaus e o Jesús Morán



Jesús Moran (no centro), com Francisco Canzani e Renata Simon, Conselheiros para o aspecto Sabedoria e Estudo

Uma consulta, um «laboratório de pensamento», um cenáculo. Podem dar-se muitas definições a esta reunião, que tem já periodicidade anual. Nasceu por iniciativa da revista *Gen's*, e realiza-se em colaboração com o aspeto «Sabedoria e Estudo» do Centro da Obra. Este ano participou também a revista *Unità e Carismi* (*Unidade e Carismas*).

Objetivo: oferecer um espaço de reflexão sobre a vida da Igreja na sociedade, à luz do carisma da unidade.

Tendo começado como uma consulta a peritos, é hoje aberto a várias realidades da Obra (Conselho Geral, ramos eclesiais, comunicadores...).

«Tudo o que fazemos, fazemo-lo como Igreja; não apenas para a Igreja», sublinhou a Emmaus no momento de abertura.

Este ano o tema era «Reforma da Igreja, seguindo os passos do Papa Francisco». E, claro que a palavra «reforma» foi das mais exploradas. Os participantes tinham sido convidados a ler o artigo do teólogo jesuíta António Spadaro «*A reforma da Igreja segundo*

Francisco – raízes inicianas»¹, no qual se sublinha que santo Inácio «estava convencido de que, partindo da “reforma da própria vida”, tendo diante dos olhos o modelo de Cristo pobre e humilhado, chegar-se-á, necessariamente, a uma reforma das estruturas, também». Reportando-se a Spadaro, o p. Carlos Garcia Andrade cmf, diretor de *Unidade e carismas*, evidenciou como o pensamento de reforma do Papa «consiste sobretudo em dar andamento aos processos, atendendo aos sinais de Deus na História, em diálogo e consulta contínua, para discernir a vontade de Deus ao longo do processo».

E tendo presente Deus no meio de nós, que continua a construir a História, abriram-se pistas também no campo do diálogo, como testemunhou Rita Moussallem, no âmbito inter-religioso e Moreno Orazi, na perspetiva dos amigos com convicções não religiosas.

Especialmente interessante para a compreensão da reforma em ato, foi também o contributo de Susana Nuin, diretora da «Escola social» do Conselho episcopal latino-americano (CELAM), que ofereceu uma leitura do pensamento e da ação de Bergoglio, filho como é daquela Igreja e daquele continente.

O card. João Braz de Aviz, falando do seu trabalho ao lado do Papa Francisco, testemunhou como a reforma em ato é, antes de mais, reforma que parte da vida, substanciada com

palavras, gestos, escolhas que têm início no dia a dia do Papa Bergoglio.

De «reforma» falou também o prof. Piero Coda, presidente do Instituto Universitário Sophia, que explicou: «Con-formarmo-nos, pessoalmente e comunitariamente, à “forma” do próprio Jesus: trata-se, numa palavra, de despertar na Igreja, a todos os níveis e em todas as expressões, o impulso interior para o assumir e as vias concretas para o fazer, no aqui e no agora indicados pelo Espírito de Deus, no quadro da História». Um contexto no qual se enxerta o contributo do Carisma. «Num dos últimos encontros da Escola Abbà, com Chiara – confidenciou – ela convidava-nos a resumir numa página os que – em nosso entender e à luz, em especial, do *Paraíso '49* – poderiam ser os pontos principais da reforma da Igreja. Assim mesmo: “reforma da Igreja”. Chiara sentia que era urgente. Agora é a Igreja, através do Papa, que nos interpela. Estou convencido de que Jesus Abandonado [...] é a chave, teórica e prática para a realizar, e o “castelo exterior” é o horizonte e o fermento. É o nosso contributo, que apenas o Carisma – vinho novo produzido e lançado em odres novos – pode oferecer».

Renata Simon e Francisco Canzani, responsáveis do aspeto «Sabedoria e Estudo», baseando-se em alguns textos do *Paraíso '49*, puseram em evidência a «grande operação de reforma, de transformação e mesmo revolução que Jesus Abandonado faz em nós, no meio de nós, à nossa volta e na Criação». Se a etimologia da palavra «reforma» indica «reportar à forma originária», Jesus Abandonado e

Ressuscitado «retira toda a ilusão, presunção, engano, falsidade, ideologia para reformar o homem, para de novo lhe dar a forma do amor, a única que o preenche e realiza».

Seguiram-se outras intervenções que poderão, ao longo do próximo ano, não só alimentar a reflexão das revistas, mas também a vida da Obra.

A fechar os trabalhos, Jesús Morán observou que estamos a viver um *kairòs*, uma nova época na Igreja – entendendo este termo no sentido mais amplo possível: um caminho com todos, com as outras Igrejas cristãs, também – e uma nova época na Obra. É como se agora fosse possível aplicar mais concretamente o Concílio Vaticano II. Isto impele-nos, explicou, a rever o Carisma na sua potencialidade conciliar. «É necessária, pois, uma nova maturidade eclesial que vejo em duas dimensões: o testemunho e o pensamento. Precisamos de uma nova “inteligência” do carisma no interior, enquanto para o exterior é necessário desenvolver categorias-ponte (mística do encontro, fraternidade...»).

«Tudo quanto dissemos no contexto deste seminário – concluiu –, no fundo, tem como horizonte o “*Ut omnes*”, uma nova humanidade, portanto. É para isso que existimos. Creio que isto é muito claro para o Papa Francisco e é cada vez mais claro para nós».

ao cuidado de Anna Lisa Innocenti



A partir da direita, na primeira fila: p. Carlos Garcia Andrade, cmf (diretor de *Unità e Carismi*), p. Hubertus Blaumeiser (diretor de *Gen's*)

Grande Zona da Europa

O apaixonante percurso para o «Ut Omnes»

A Europa do Leste – 30 estados, mais de 30 línguas, um mosaico de religiões, Igrejas e culturas muito variadas – vai constituir-se como uma única Zona. A «nova configuração» abre novas prespetivas de esperança e surpreende-nos sempre



Com a Assembleia de 2014, tinha sido constituída a Grande Zona da Europa, composta por várias Zonas que se foram agrupando. A Oeste compuseram-se as Zonas da Europa Ocidental e da Central, que estão perante os novos desafios de se agruparem com Países tão diferentes e com a grande criatividade que as pessoas do Movimento - sobretudo os jovens - estão a inventar para conseguir ultrapassar os limites de pertencerem às suas nações, línguas, culturas.

As Zonas da Europa do Leste são uma outra realidade e devem seguir um caminho muito particular, que lhes é próprio. Chiara tinha dado aos Países da Europa oriental uma única Palavra de Vida: «Muitos um só corpo», tomada como comparação com a que o apóstolo Paulo faz com o corpo de Cristo, no qual cada membro tem a sua específica função e, por isso, só

juntamente com os outros, forma o único corpo de Cristo.

O que caracteriza este percurso no leste, explicou Martin Uher, — de nacionalidade checa, atualmente na Eslováquia, — no retiro da Epifania 2016, dos focolarinos e focolarinas da Europa oriental e ocidental: «Não há dúvida que a única coisa que os povos na parte oriental da Europa têm em comum é terem vivido algumas dezenas de anos sob um regime comunista». Quanto ao resto, há uma enorme diversidade. As línguas eslavas são diferentes

entre elas tal como as línguas latinas, depois há as línguas que não pertencem ao tronco eslavo: o húngaro e as línguas bálticas. A maior parte dos membros da Igreja ortodoxa mundial encontra-se nesse território e ali estão presentes, desde há séculos, as três grandes religiões monoteístas». «Não foi fácil, no início, perceber a necessidade de nos agruparmos - continuou

Os delegados da Europa em Praga, a 16 de abril passado



Aproxima-se Munique 2016

No fim de junho haverá, em Munique, o evento de «Juntos pela Europa». Um encontro sentido, pelas pessoas do Movimento da Europa do leste, como um vento de esperança. Muitas vezes a Este considera-se que aquilo que vem do Oeste - materialismo, falta de referências morais - quase como uma ameaça aos próprios valores. «Juntos pela Europa» é uma possibilidade de dar um impulso àqueles valores que podem ajudar a enfrentar, de modo evangélico, os desafios de hoje. O tema de Munique vai ser a reconciliação. No Ocidente, a guerra acabou em 1945. No Leste tivemos de esperar a queda do muro, em 1989, e, para o Sudeste, até 1996. A experiência da guerra e do terror ainda está viva em muitos.

O processo de reconciliação requer o seu tempo. Também entre os cristãos. O facto de que o Papa Francisco e o Patriarca Kirill terem declarado que se pode rezar juntos, cristãos de diversas Igrejas, é já um grande passo para a aproximação das suas Igrejas. Toda a Europa necessita de reconciliação, de perdão. Espera-se que o «Juntos pela Europa» seja um sinal forte!

Martin - porque reevocava em muitos os sentimentos do período em que se viveu a unidade coletivista, forçada. Nestes povos está presente uma profunda exigência de encontrar a própria identidade e de a poder exprimir».

Já há alguns anos que os Delegados de Zona se encontram, em outubro e durante o ano, cada vez num País

diferente, para aprofundar o conhecimento dos desafios nos vários lugares. Isto ajuda a vencer as desconfianças no confronto com outros povos, herança do período comunista.

Depois, em junho de 2015, na Polónia, fez-se pela primeira vez o encontro dos Delegados de toda a Europa. Ali fez-se a experiência de respirar com «os dois pulmões» - o Ocidente e o Oriente, que exprimiam as duas realidades de um único continente, que se conheciam pouco, com muitas riquezas a partilhar.

Até chegar ao retiro dos e das focolarinas de toda a Europa, em janeiro de 2016: «Temos vivido dias intensos, profundos, alegres - escreveram à Emmaus - caracterizados "pela descoberta" recíproca do Este e do Oeste, e temos vontade de dizer: a Grande Zona, como um único focolar, é já uma realidade!»

Em abril passado, os delegados e as delegadas da Europa encontraram-se em Praga. «O empenho principal foi procurar compreender quais os passos a dar no hoje da Obra para nos aproximarmos do "Ut omnes" - escreveram nesta carta às pessoas do Movimento, nas suas Zonas - Por isso fizemos a pergunta se também para as Zonas da atual Europa Oriental tinha chegado o momento de se tornar uma única Zona.

E a resposta, afirmativa, chegou como fruto de uma profunda experiência de comunhão, de escuta, de acolhimento recíproco, de unidade, de incertezas, dúvidas e ressurreições. Propusemos, portanto, à Emmaus e ao Jesús, formar uma única Zona e temos a certeza que este passo poderá tornar mais efetiva a comunhão entre todos nós. Em resposta, a Emmaus disse-nos: "Estou muito contente por esta decisão, que parece um passo em frente. Haverá dificuldades ...o que importa é ter aderido a este impulso do Espírito Santo. Depois o resto virá como consequência" Começamos então este caminho para a constituição da única Zona».

Ao cuidado de Donna Kempt e Severin Schmid



Viagem aos EUA

O desafio foi aceite, traçou-se a orientação

Pela primeira vez juntos, 240 focolarinas e focolarinos da América do Norte, reunidos na única Zona, há pouco composta. A visita dos Conselheiros do Centro da Obra a algumas comunidades

Um retiro no culminar de um ano de trabalho, dedicado a definir os pormenores do processo de «agrupamento» de algumas Zonas da América do Norte. Foi o que viveram 240 focolarinos e focolarinas, reunidos na Mariápolis Luminosa para o seu retiro anual de 7 a 10 de Abril. Em abril do ano passado, de facto, os Delegados e os representantes do Canadá com o Haiti, EUA Este com a República Dominicana e Porto Rico, e EUA Oeste, tinham-se encontrado pela primeira vez na Luminosa, para partilhar ideias sobre o processo de agrupamento. E foi ali que a possibilidade de se consolidar as três Zonas numa única se tornou uma convicção comum! Nos meses seguintes, fomos acompanhados pela graça da «nova configuração», sobretudo no processo da consolidação, que levou à nomeação dos novos Delegados, pouco antes do retiro programado.

Sobre este fundo, compreende-se a alegria de se encontrarem finalmente todos juntos e descobrir-se, focolarinas e

focolarinos, uma única família de Maria, capazes de oferecer, pelo amor recíproco, Jesus no meio à sociedade das suas terras.

Com a Agnes Van Zeeland e o Flavio Rovere, procurámos levar o amor e a unidade da Emmaus e Jesús, do Centro da Obra e do Conselho Geral. Este era o primeiro motivo da nossa viagem.

Nas comunidades, em Maryland, Chicago e Los Angeles

As breves visitas a Maryland, Chicago e Los Angeles foram uma ocasião preciosa para estabelecer relacionamentos e reforçar a unidade com os membros da Obra, com uma nova tomada de consciência do chamamento a sermos todos protagonistas em direção ao «*Ut omnes*».

A visita a **Maryland** era sobretudo para conhecer a nova sede dos dois centros zona, estabelecidos atualmente nos arredores de Washington.

Em **Chicago** sobressaiu a alegria de se



Com a comunidade de Madera



ser instrumentos do carisma da unidade, desde os «primeiros tempos», nos anos 60, e o entusiasmo de sair uma vez mais, agora «em missão», com a abertura do novo foco-lar feminino em Denver (Colorado).



Retiro: experiência do Canadá

Em **Los Angeles**, com a comunidade local, chegou-se a uma compreensão mais clara da «nova configuração» como estímulo para uma maior responsabilidade da parte de todos. Ficámos edificadas pelos e pelas gen3, que se prestavam a oferecer retiros a grupos de adolescentes, que se preparavam para o sacramento do crisma, embora eles próprios não o tinham ainda recebido.

Comovente a visita a Madera - o assim dito «centro da Califórnia», onde «a palmeira se encontra com o pinheiro». Não é uma imagem estranha ao grupo heterogénio de pessoas, que provinham também de Fresno e de São José-Bay, no Pacífico. A maioria era da comunidade local de Madera, composta em grande parte por famílias indígenas, originárias do México: gente pobre mas digna, que trabalha e

que, iluminada pelo Ideal, sabe suscitar uma solidariedade autêntica. As suas experiências testemunhavam-no, como aquela de uma jovem mãe com cinco filhos, abandonada pelo marido, mas cheia de esperança e apoiada pela comunidade local. De São José, uma família coreana, com grande sacrifício e com o apoio constante da comunidade local, tomou sob custódia



Retiro na Mariápolis Luminosa

duas crianças que ficaram orfãs por causa de uma tragédia causada pelo pai, até ao momento em que puderam ser confiadas aos avós maternos, na Coreia.

Toda a viagem nos deu uma visão mais clara de alguns desafios e prespetivas da nova Zona, como, por exemplo, a maior penetração das várias estratificações da população. Uma nova sementeira também nas pequenas cidades e, quem dera, também nos *campus* universitários. O desafio é incidir com uma identidade mais clara numa sociedade pluralista multicultural, multiconfessional e multireligiosa.

As palavras da Emmaus, que nos acompanharam nesta viagem, traçaram a direção para enfrentar problemáticas deste tipo, estimulando-nos a «*um amor cada vez maior a Jesus Abandonado, raiz de cada verdadeira novidade no caminho para o "Ut omnes", e garantia da possibilidade de ter Jesus no meio como guia e companheiro de viagem na nova aventura*».

Vida Rus, Ray Asprer

Comunidades vivas, abertas, atraentes

Diário de viagem dos primeiros seis meses do ano, da secretaria internacional dos Movimentos Paroquial e Diocesano



No Brasil

18 de janeiro de 2016. Mesmo se já eram 21.00 horas, recebeu-nos um bom calorzinho no aeroporto de Guarulhos, em S. Paulo no Brasil. Mas não podíamos imaginar o calor humano das Mariápolis permanentes onde vivemos nas semanas seguintes: «Ginetta» em S. Paulo e «Santa Maria» no Recife. Dois mundos diferentes, dois rostos do Brasil atual.

Quanta alegria encontrámos nos mais de 300 animadores paroquiais e empenhados nas pastorais Diocesanas, reunidos para as «Escolas de Comunhão», com o título sugestivo «paróquia: comunidade de comunidades». Participaram jovens e adultos, leigos, religiosos, seminaristas, diáconos e sacerdotes, de 116 paróquias, de 27 Dioceses, de 16 estados brasileiros. Pessoas empenhadas numa Igreja em saída, com uma presença nas diversas pastorais, aberta a 360 graus para a sociedade.

Muitos frutos de unidade da Palavra de Deus vivida: paróquias que se revitalizam, novos relacionamentos ali onde as

incompreensões, os juízos e as dificuldades ameaçavam dividir a comunidade. E depois, pequenos encontros nas casas, levando a Palavra de vida a famílias, algumas distantes da Igreja, experiências de abertura ao diálogo, envolvendo pessoas de diversas Igrejas cristãs e de outros grupos.

No programa, uma visita à primeira Fazenda da Esperança, nascida, há alguns anos, da experiência do Movimento paroquial e que, atualmente, é uma das «pérolas» da Igreja; ou à diocese de mons. Acacio R. Alves, um dos primeiros bispos amigos do Movimento, em Palmares, onde ainda hoje, em 90% das paróquias da diocese, está presente a Obra de Maria.

Um incrível potencial de vida, que o carisma da unidade oferece à Igreja e à sociedade brasileira.

14 de abril de 2016. «Chegámos a casa», era a expressão de muitos dos que vieram ao encontro anual dos animadores dos Movimentos paroquial e Diocesano ao Centro Mariápolis de Castel Gandolfo.

Mais de 700 participantes (dos quais 50



Encontro anual em Castel Gandolfo

sacerdotes) de diversos Países da Europa, de todas as idades. Eram muitíssimas as experiências de empenho nos diálogos e em especial nas iniciativas para o acolhimento de refugiados. Estavam presentes grupos com o respetivo pároco, conquistado pelo testemunho deles, e empenhados internos de várias vocações, que têm vindo a suscitar grupos na paróquia, particularmente de jovens.

O tema de Jesús Morán sobre o «*génio eclesial de Chiara*», colocou em evidência a eclesialidade no DNA do Carisma e a paixão pela Igreja, que é uma consequência natural se o vivermos plenamente. Provocou alegria quando sublinhou que os Movimentos, paroquial e Diocesano, não são mais do que a Obra de Maria na paróquia ou nas Dioceses.

D. Vincenzo Di Pilato apresentou o «estilo» do Papa Francisco, considerando os quatro princípios que «orientam o desenvolvimento da convivência social e a construção de um povo...» (EG 221), dando as bases para uma vida na paróquia, comunitária e evangelizadora.

«Costruindo a comunidade...» era o título do Congresso. O bispo G. Petrocchi, usando a metáfora da central e do poste de eletricidade, explicou que, se não houver a ligação com a «central» (o Carisma), a corrente não chega à lâmpada. Numa «cultura de estilhaços», deus-nos pistas para, em todos os lugares, «fazer encontrar Jesus [...], centro de gravitação unificante» para a existência humana. Uma formação assim constrói comunidades vivas, abertas e atraentes.

10 de maio de 2016 – Roménia. 1.700 quilómetros de



carro, atravessando o País em nove dias, com Davi Bodnár e Marta Andro, responsáveis da zoneta da Roménia. Uma experiência forte de «focolar móvel».

Um povo aberto, acolhedor, profundamente cristão (90% pertence à Igreja ortodoxa romena). Uma Obra inserida na Igreja local, onde grande parte da vida nasceu da unidade entre os focolares e os sacerdotes da Obra.

Num País com uma grande diversidade de Igrejas (numa aldeia pequena era normal encontrar sete Igrejas de várias denominações), de povos (romenos, húngaros, rom...) com os efeitos dos 40 anos de comunismo, o Carisma surge com força como o caminho para a unidade!

Fizemos encontros em sete comunidades, com pessoas acompanhadas pelos respetivos párocos, sacerdotes católicos romanos e greco católicos.

O último encontro, em Cluj, era «uma profecia da Igreja do futuro», pela presença de católicos romanos e de rito bizantino, ortodoxos e protestantes.

Era evidente a «paixão pela Igreja», fruto do Carisma plenamente vivido, mas também a importância da formação dos animadores de todas as idades, para se fazer como Obra Uma um trabalho interparoquial. Já se vislumbram os frutos para toda a Obra, também com o nascimento de várias vocações.

Pela secretaria internacional dos Movimentos paroquial e Diocesano



Voluntárias e voluntários em formação

Uma resposta do carisma aos desafios de hoje

Em Castel Gandolfo, de 7 a 10 de abril, num congresso para as voluntárias e voluntários em formação, participaram 250 pessoas, de 16 línguas, de diversas denominações cristãs, mas também de religião muçulmana



«Foi muito bonito ver o mundo unido já aqui! Sinto que devo transferi-lo para toda a humanidade».

Alegria, luz, descoberta da atualidade do Carisma: foram estas as características do encontro, que teve o seu momento central com a Emmaus e o Jesús. Através da figura da Duccia Calderari (ver *Mariápolis* n. 2/2009 p. 26-27 e *Mariápolis* n. 3/2016 p. 21) evidenciou-se como a vocação do voluntário nasceu desde o início, com Chiara, e quanto seja importante e atual diante dos desafios de hoje.

«Compreendo que Deus me preparou para este momento. Tinha dúvidas, não encontrava a minha realização. Aqui encontrei a plenitude de uma vocação. Por isso sinto que Deus, durante toda a vida, preparou para mim este momento...».

No último dia, o projeto completo da vocação do voluntários-Obra foi iluminado pela luz do Paraíso '49.

«Quando Chiara falava de '49, senti que a minha vida se tornou mais simples, porque senti que Deus é Amor, que irei para o Paraíso só se amar. Até as dúvidas de fé que se possam ter, desaparecem: confio no que diz, como se confia num amigo sincero». (Marco de Roma)

«Sou uma gen do Centro gen, o Congresso deu-me uma esperança para a sociedade de hoje, porque sei que no mundo há os voluntários, que vivem um Ideal tão concreto e radical. Os gen procuram uma vocação futura. Quando voltar para casa desejo poder viver um Ideal como o que conheci e experimentei aqui». (Sabina da Hungria)

Ponto central de cada dia foi a meditação, com a qual a própria Chiara acompanhou as voluntárias e os voluntários neste caminho. Foram um forte chamamento ao que é mais importante: «Permanecer sempre em Chiara, sendo fiéis à fonte!». Dali aprofundou-se o carisma da unidade, a espiritualidade com os seus instrumentos.

Mas hoje, o que é que Deus pede aos





Na escola de Jesus Mestre

Depois do Congresso, cerca de setenta voluntárias em formação, de 23 nações, transferiram-se para o Centro Mariápolis «Pace» em Benevento (Itália), onde, de 11 a 16 de abril, se realizou uma escola para elas.

«Jesus Mestre» conduziu-a passo a passo, desde a escolha de Deus ao aprofundamento dos instrumentos da espiritualidade coletiva. Chiara explicou a vida do voluntário segundo as cores, e o empenho que esta comporta para caminhar na Obra em direção ao «*Ut Omnes*». Foi dado um amplo espaço ao diálogo, para responder às muitas perguntas que surgiram.

«Foi um exame de consciência, não me sentia merecedora de tantas graças. Mas Deus ama-me e deu-me uma oportunidade de O conhecer melhor e de levar o seu amor aos outros. Não sei qual o plano de Deus para mim, mas estou disposta a dizer-lhe “sim”». (Filipinas)

voluntários? Trataram-se temas como a vocação do voluntário nos dias de hoje, os conflitos mundiais, a misericórdia: o Carisma encarnado dá resposta aos desafios do mundo atual. O que importa é permanecer enraizados na essência do Carisma, que é Jesus no meio, deixando-nos guiar por aquilo que o Espírito Santo hoje sugere.

«Saio daqui com o propósito de me dar mais e de ajudar os outros a fazê-lo... se eu amo, se vós amais, estamos todos no Seio do Pai... e isto dá-me uma nova coragem para regressar a casa».

Pelos centros das voluntárias e dos voluntários

Loppianolab 2016

De 30 de setembro a 2 de outubro realiza-se de novo o LoppianoLab, o laboratório nacional de economia, cultura, comunicação e formação, promovido pelo Pólo Lionello Bonfanti, pela Città Nuova, pelo Instituto Universitário Sophia e pela cidadela de Loppiano. Um evento que quer ser lugar de partilha e de reflexão, um ginásio de formação e de crescimento, como uma rede, para dar vida a novas sinergias na procura de um percurso participado para o futuro do nosso País. «*POWERTÀ. A pobreza das riquezas e a riqueza das pobreza*s» este é o título da sétima edição, de 2016. Tema bastante atual devido à crise económica, guerras e fluxos migratórios.

Com que objetivo se falará de pobreza? Tentaremos fazê-lo numa perspetiva diferente, evidenciando, por um lado a toxicidade de um sistema que produz riqueza à custa do ambiente, da sociedade e das pessoas; por outro, colocando-nos ao lado de quem sente a indignação na própria pele, fazendo emergir as múltiplas formas de riqueza que a pobreza traz para os indivíduos, para o corpo social e para todos os povos. Tudo isto através de focus, laboratórios, debates.

Já está disponível on-line a ficha de participação, publicada nas páginas das quatro entidades promotoras: www.cittanuova.it, www.pololionellobonfanti.it, www.loppiano.it, www.iu-sophia.org.
Informações pelo telefone 055.9051102.

Elena Cardinali

POWERTÀ
La povertà delle ricchezze
e la ricchezza delle povertà
Loppiano
30 settembre – 2 ottobre
Convegno centrale 1° ottobre - Auditorium di Loppiano

2016

loppianolab

media partner: asknews

Logo: Istituto Centro-Occidentale
Logo: Polo Lionello Bonfanti
Logo: Istituto Universitario SOPHIA
Logo: CITTÀ NUOVA EDITRICE

O nosso Sim para «Que todos sejam um»

De dia 1 a 14 de maio realizou-se, em Castel Gandolfo, o primeiro curso da escola para focolarinas e focolarinos casados

Depois de terem ultrapassado dificuldades de todos os tipos (económicas, laborais, filhos que deixavam em casa durante duas semanas), foram 93 os que, de todos os continentes, chegaram a Castel Gandolfo, para consolidar a sua preparação para a vida de focolar. Entre eles os mexicanos Maquency e Edgar, casados há 16 anos. Vieram pela «alegria de terem “vendido” o próprio campo para comprar aquele que tem o tesouro escondido. Sim, Deus pede-nos muitas coisas, mas depois dá-nos aquilo que jamais poderíamos imaginar!».

No programa estava prevista a visita à casa de Chiara e ao Centro da Obra. Sílvio, do Brasil, contou: «Ao ouvir o designio de Chiara eu apercebi-me de que vai muito para além das nossas compreensões, é um sopro do Espírito Santo para toda a humanidade. Nós temos que ser pessoas que não impedem este sopro: é este o meu empenho».

Foi significativa a experiência de comunhão vivida nos focolares em que estavam integrados. Devido à mistura das culturas, às mais variadas línguas, os focolares poderiam tornar-se «uma Babel», mas, pelo contrário, precisamente porque experimentámos a força do amor, que vai para além e harmoniza qualquer diferença, essa foi a experiência mais incisiva. O Sílvio disse ainda: «Claro que há temas, meditações, mas depois, encontramos-nos com os outros, com quem podemos pôr



em prática o que ouvimos. Eu, por exemplo, queria ainda ficar um pouco mais na cama, de manhã, mas levantava-me para fazer a cama do companheiro de quarto ou para engomar também as suas coisas.

Houve momentos em que discutíamos, mas rapidamente voltávamos a reconstruir a unidade. No final do curso fizemos a hora da verdade, na qual dissemos uns aos outros o que poderia ajudar a cada um a fazer-se santo. Isto levou-nos a compreender o nosso “fazer-se santos juntos”.

«Antes de deixar o meu País – confia-nos Ana Karina, do Brasil – interroguei-me se seria necessário vir até cá. Durante estes dias percebi quanto me enriqueceu a cultura do outro, as suas dificuldades e as experiências de quem vive longe de mim, e como se alargou a minha alma ao contacto com o Centro, onde chega a vida de todos».

Um dos momentos mais esperados foi o encontro com a Emmaus e o Jesús. Uma hora de profunda comunhão, na qual muitos puderam contar não só as experiências daqueles dias, mas também algumas passagens importantes das suas próprias vidas. Emmaus e Jesús depois de porem em evidência a vocação dos focolarinos casados e de terem tornado ainda mais claro o desígnio de Foco, falaram de coração aberto:

«*Vejo-vos como uma força renovadora para os focolares – afirmou Jesús –. Vocês são a primeira “saída” do focolar para o mundo, sem a qual nós, focolarinos virgens, não somos aquilo que devemos ser. Vocês trazem ao focolar a beleza do matrimónio, convosco o focolar sai continuamente, ou melhor, já está em saída para o mundo concreto da família. [...] Vocês são o Foco. Convosco o focolar sai para fora, porque Foco é a humanidade*». Por sua vez, a Emmaus, referindo-se ao título «o nosso “sim” para “Que todos sejam um”» afirmou: «*Qual é a relação entre o “sim” que eu digo a Deus e o “Que todos sejam um”? Tu dizes “sim” a Deus, porque Ele te chamou e te pergunta: “Queres seguir-me?” Este “sim” torna-te companheiro de Jesus, pouco a pouco, faz-te ser como Ele. Se tu, através deste caminho te tornas cada vez mais Jesus, não podes senão ter os pensamentos, os sentimentos, os desejos de Jesus. Qual era o maior desejo de Jesus? Era: “que todos sejam um”. Viver como focolarino significa ter como horizonte “que todos sejam um”. [...] Se ampliarmos a medida do nosso amor segundo a de Jesus, alargamo-la ao “que todos sejam um”*».

A Inculcação, a formação e o diálogo foram o centro do encontro, que, conduzido pela Friederike e o Angel, delegados centrais da Obra, os aprofundaram com a riqueza de muitos dos seus aspectos.



Neste Ano Jubilar não podia faltar a visita a Roma, para atravessar a Porta Santa e receber as Palavras do Papa Francisco que, durante o *Angelus*, foram dirigidas precisamente ao grupo dos focolarinos casados deste modo: «Eu desejo-vos que, sendo fiéis ao vosso amor e à unidade da vossa fé, sejam no mundo a transparência do amor de Deus».

O momento culminante foi a mensagem de Chiara através do vídeo «O Paraíso e a unidade». Para muitos foi um abanão, para outros o receio de não conseguir e para quase todos a confirmação das suas opções. Elisabetta, de Itália, comenta: «... Foi esta dimensão da vida do focolar que me atraiu»; Mathilda, de Fontem, afirma: «Chiara disse-nos que a nossa espiritualidade é *chic*! Constantemente nós temos que manter este *look* e viver tudo com Jesus no meio, que nos dá alegria».

«Tal como na vida do matrimónio, na do focolar nós teremos altos e baixos – observa Fabio, de Itália – Agora já sei que nós poderemos recomeçar sempre, continuando em frente com a vontade».

«Paraíso» é a unânime impressão daquilo que se viveu. Uma experiência tão luminosa ao ponto de nos interrogarmos: «Como fazemos para voltar para o mundo?». Uma vez mais é Foco quem vem ao nosso encontro, como já tinha feito em 1949 com Chiara, fazendo reviver a eleição de Jesus Abandonado, que ela magistralmente exprime na meditação «Tenho um só esposo sobre a Terra».

A cargo do Centro Foco e da Casa Vita



Coreia e Filipinas

Para a Ásia, este é o tempo da economia e da comunhão

Com o início do terceiro milênio, o continente asiático entrou numa nova fase do seu desenvolvimento civil e económico. Assim, passado o intervalo de quase 200 anos de dominação do Ocidente, a Ásia retomou, há já alguns anos, a liderança produtiva e económica. Também por esta realidade, para celebrar os primeiros 25 anos da Economia de Comunhão (EdC), decidimos ir à Mariápolis Pace de Tagaytay (Filipinas), para o primeiro encontro pan-asiático, com a participação de 240 pessoas, de muitos Países deste continente.

Antes de chegar às Filipinas, eu passei uns dias pela Coreia, para um ciclo de reuniões sobre a EdC em Seul e Dejon (apresentados no site edc-online.org). Fiquei muito impressionado com a vivacidade económico-civil e o interesse pela EdC que encontrei na Coreia, o que é também fruto do trabalho de sinergia entre o movimento político para a unidade, a EdC, e todo o Movimento dos Focolares. Constatei também um grande interesse nos meios de



comunicação, porque descobrem na EdC uma cultura que pode oferecer uma alternativa ao capitalismo, que dificilmente respeita os valores comunitários e a ética confuciana, que estão ainda fortemente enraizadas no povo. Acompanharam-me mais de trinta coreanos, prolongando em Manila (Filipinas) a experiência que fizemos.

O congresso de Tagaytay, que deu origem a numerosas mensagens, foi magistralmente preparado por uma comissão de cerca de 20 pessoas. Precederam-no dois dias de fórum para jovens, na universidade de Santo Tomás em Manila (uma das mais antigas da Ásia)..

Antes de mais, nós «descobrimos» uma EdC viva e em crescimento, com as formas e aspectos das suas culturas específicas, em mais Países asiáticos dos que pensávamos. A EdC adaptase ao ambiente. Ela, como as plantas, absorve da terra os sais e o *humus*, e cada terreno é diferente. Seria um erro grave pensar em criar, na Coreia, a mesma EdC que há em Itália, porque

Coreia

os capitalismos são diferentes e são diversas as etapas que vive a EdC em ambos os Países. Por isso, um bom *governo* tem que conseguir manter firmes certos pontos irrenunciáveis (a partilha das riquezas, a inclusão produtiva, o interesse primordial pela pobreza...), e trans-



formar tudo aquilo que tem que mudar, para manter só o essencial, que depois germina em cada País e em cada empresa.

Uma segunda mensagem refere-se à EdC a nível mundial. Na Ásia, onde a pobreza é visível e interpela, a EdC está viva e em crescimento. O mesmo na Coreia, onde a pobreza material é menor que nas Filipinas ou, pelo menos, não se vê pelas estradas. Ali, a «Sagrado coração» é a maior empresa da EdC. É uma padaria em Dejon, que tem centenas de trabalhadores, conhecida em todo o País porque, desde há sessenta anos dá pão aos pobres. Em cada filial há um espaço para que, quem não tiver pão, possa ir buscá-lo (uma doação de mais de 20.000 euros mensais). Quando a EdC (e o ideal da unidade) perde o contacto com os pobres reais, de carne e osso, quando já não os vê e não lhes toca, deixa de compreender a sua específica missão e, no melhor dos casos, torna-se uma prática de responsabilidade social da empresa. O pão que alimenta e faz com que a EdC cresça é a amizade e a fraternidade com os pobres. Foi assim na primeira comunidade

de Trento na qual, no após guerra, se convidavam os pobres a ir almoçar ao focolar, com todos os outros. Episódio que durante o congresso foi referido com frequência. A EdC cresce, é abençoada e abençoa muitos, enquanto convidar os pobres «para almoçar»: enquanto os sentir, lhes tocar, e os amar.

Concluimos com uma ligação mundial com vários continentes, para celebrar os primeiros 25 anos, para agradecer a Chiara e à primeira geração do movimento, assim como para olhar com esperança e compromisso

em direção às «núpcias de ouro».

Luigino Bruni

mail: l.bruni@lumsa.it

O mundo de Francisco

Bergoglio e a política internacional

de Pasquale Ferrara

«Este livro apresenta os pontos cruciais da política externa do papa Bergoglio: desde a crítica ao modelo económico e político, liberal e liberalista, ao trabalho de reconciliação que decorre no Médio Oriente, sem descuidar a atenção aos países da América Latina e aos do sul do mundo». (o prefácio é de Paolo Gentiloni, Ministro dos Negócios Estrangeiros e da Cooperação Internacional do Governo italiano)



Semana Mundo Unido

Vinte anos após o histórico momento

Eventos em todo o mundo para este encontro, que se espera venha a ser reconhecido também pelas Nações Unidas. Inserida na Semana Mundo Unido também a estafeta Run4unity

Estávamos em maio de 1995, quase no final da quinta edição do Genfest (convênio mundial periódico dos Jovens por um Mundo Unido). Num clima de enorme entusiasmo, lançava-se a Semana Mundo Unido (SMU). Com que objetivo? Contribuir para a construção de relacionamentos de convivência pacífica entre povos e culturas, propôr a Instituições locais, nacionais e internacionais que valorizem todas as ações a favor da fraternidade universal.

A vinte anos daquele histórico momento, que balanço se pode fazer? A realização de variados «fragmentos de fraternidade» nas mais diferentes partes do mundo, de modo especial onde predominam a solidão, a pobreza, a marginalização.

Ações que levaram a Semana Mundo Unido a conquistar cada vez mais espaço na opinião pública, nos *mass media*, junto de personalidades da cultura, do desporto, da sociedade civil e religiosa. Em diversas latitudes, repropõe-se um desafio: ser protagonistas em primeira pessoa, unindo gerações e culturas num único laboratório de paz e unidade.

De 1 a 10 de maio de 2016, as mais variadas iniciativas realizadas nos cinco continentes tiveram como fio condutor o tema da interculturalidade.

Libano



Equador

Depois de Budapeste, Jerusalém, Nairobi e Mumbai, foi no Equador que se concluiu o itinerário simbólico pelos vários continentes, da Semana Mundo Unido. Quis-se pôr em evidência, também deste modo, como ela liga povos e culturas diversas. A edição de 2016 estava já há tempo a ser preparada com o olhar focado nos Países andinos, para dar voz à interculturalidade, capaz de ativar o melhor de cada povo.

«Linkcultures – Un Camino para la Paz» era o título proposto pelos jovens antes do terrível terremoto que atingiu o Equador. Opção corajosa foi manter em agenda os múltiplos eventos previstos em Quito e em diversos outros lugares do País, para dar esperança e testemunhar com força a paz e a unidade. Realizou-se ainda uma aventura impressionante: um dia e uma noite

Itália





na floresta, junto de uma comunidade indígena, que acolheu em suas casas o grupo de jovens provenientes de várias partes do mundo. Chegou-se lá após horas de viagem no coração da selva, quando a densa escuridão fazia parecer ainda mais luminosa a certeza de que somos todos candidatos à unidade. O turismo comunitário, em muitas localidades, torna mais fáceis os relacionamentos e ajuda a descobrir o património de profundas raízes culturais dos povos andinos. O Festival pela paz e a solidariedade com a «metade do mundo» foi um hino à esperança, cantado pelos 1.200 jovens presentes.

A estafeta mundial pela paz, promovida pelos Jovens pela unidade, *Run4unity*, que é agora parte integrante da SMU (ver notícia ao lado) testemunhou também, em todas as latitudes, que é tempo de fraternidade.

Também o projeto *Living Peace* faz parte do mesmo mosaico, tal como as já tradicionais reuniões de jovens em Loppiano (Itália) e na Abrigada (Portugal), no dia 1 de maio.

«Muitos povos de um só planeta, somos irmãos. Viver e trabalhar para que a fraternidade se concretize na política, na economia, no social». É a ideia que permite ver a realidade em alta definição, dizem os jovens portugueses e italianos. No Líbano fez-se a limpeza de uma praia e no coração de Paris realizou-se um torneio desportivo.

O âmbito da Semana Mundo Unido é o mundo inteiro e as iniciativas locais são vividas com este horizonte: do concerto pela paz em Medan (Indonésia) às visitas a um lar de idosos na Nova Zelândia; no debate sobre a legalização da eutanásia ou no Festival de Amani de Goma (República Democrática do Congo); no *workshop* ecuménico de jovens e sacerdotes das Igrejas católica, russo-ortodoxa, armena, luterana e evangélica, «para ir além dos preconceitos».

Os Jovens por um Mundo Unido esperam que esta expo internacional, parte integrante do «United World Project», seja reconhecida também pelas Nações Unidas.

Maria Guaita, Marco Desalvo e Secretaria dos Jovens por um Mundo Unido

Run4unity Juntos, conseguimos

Interculturalidade, diálogo, comunidades locais e desporto. Estas quatro palavras-chave caracterizaram a edição 2016 da estafeta *Run4unity*. Aderiram mais de 120 cidades de todos os continentes, realizando iniciativas para promover uma cultura da fraternidade.

Eventos vários, marcados por uma participação multicultural, foram ocasião de diálogo, para além de todas as diferenças. No centro de cada jornada esteve o empenho em viver juntos a «Regra de ouro».

Na Nova Caledónia correram, lado a lado, jovens de diversas Igrejas; a estafeta de Puento de Piedra (Costa Rica) nasceu da colaboração entre as Igrejas católica e luterana.





Austrália



Bulgária

Na Índia, as estafetas tiveram todas um caráter inter-religioso: em Coimbatore juntaram-se jovens cristãos e hindus do Shanti Ashram; em Nova Delhi participaram muçulmanos, hindús, sikh e cristãos. Em Buenos Aires (Argentina) a direção geral de culto do Governo da Cidade reconheceu oficialmente o interesse público do evento e entregou aos participantes (eram 150: hebreus, muçulmanos, budistas e cristãos) o certificado de participação correspondente.

A maioria dos eventos teve caráter desportivo. Importantes iniciativas, que não teriam sido possíveis sem o empenho, o apoio, o encorajamento e o trabalho concreto das comunidades locais. Destacaram-se as Olimpíadas de Florianópolis, Porto Alegre e Maringá, no Brasil, com mais de 500 participantes. Em muitos casos colaborou-se com associações desportivas ou agremiações juvenis. Em Pisa (Itália), este ano cidade europeia do desporto, o evento organizado por Sportmeet envolveu quinze associações das mais variadas disciplinas desportivas.

Aderiram e participaram, em algumas das estafetas, vários grupos de jovens com deficiências motoras. Em muitas localidades, aos eventos desportivos ligaram-se ações de solidariedade: em Lião (França) visitou-se um lar de idosos; em Lahore (Paquistão) e Mumbai (Índia), um colégio para órfãos; em Madrid e Viena fez-se uma recolha de fundos para

refugiados. Em algumas cidades realizaram-se ações ecológicas. Foi o caso do Rio de Janeiro, onde os participantes fizeram uma recolha de lixo. Em Pilar (Argentina) organizou-se uma caminhada através de uma reserva natural.

Momento central de cada *Run4unity* foi o *time-out*, um minuto de silêncio ou oração pela paz, muitas vezes pronunciado em lugares simbólicos de fraternidade ou localidades onde se sente mais a dor provocada por conflitos e desunidades. Em Mexicali (México) e El Paso (EUA) fez-se um percurso junto ao muro que separa os dois Países; em Rakovski (Bulgária) correu-se para unir os três bairros da cidade, entre os quais existe forte rivalidade. «O nosso País está a atravessar um período muito difícil, mas não podíamos faltar ao *Run4unity*» escreveram-nos de Caracas (Venezuela); e na Síria foi possível realizar quatro estafetas. No Iraque, alguns jovens empenhados em viver a «Regra de ouro» juntaram-se para rezar juntos, pedindo a paz para todos os pontos da Terra; já na Jordânia, a tarde concluiu-se com o lançamento de balões, que fizeram voar, no céu do Médio Oriente, 100 mensagens de paz.

Agostino Spolti, Fiorella Tassini e Secretaria dos Jovens para a unidade

Para quem deseja saber mais:

www.unitedworldproject.org/it/;

www.y4uw.org/it/

e fb.com/uwpoofficial

www.run4unity.net

e fb.com/Run4unity

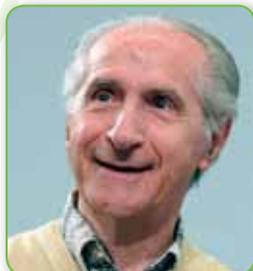


Brasil

*Chegou à Mariápolis Celeste mais uma das testemunhas da primeira hora - Giorgio Marchetti (Fede). Transcrevemos a síntese do que foi lido no seu funeral e dos telegramas da Emmaus, referentes a outros cinco focolarinos e focolarinas. Acrescentamos ainda os perfis de outros mariapolitas celestes, de outros ramos da Obra. Em <http://www.focolare.org/notiziariomariapoli> pode-se consultar o texto completo dos telegramas e os perfis de: **Benedicta Cos (Filipinas)**, **Helen Janda (Suíça)**, **Angela De Cicco Capodilupo**, **Rosalía Liberati di Mele e Mara Montefalcone (Itália)**, voluntárias; de **Ilario Turetta e Lino Panerari (Itália)**, voluntários, que, por falta de espaço, não podemos incluir aqui.*

Giorgio Marchetti (Fede)

Um dos primeiros a seguir Chiara



No dia 29 de maio, festa do Corpo de Deus, o Fede chegou à Mariápolis Celeste, juntando-se lá em cima, à «equipa» que, com Chiara, Foco, o p. Foresi, as primeiras e os primeiros focolarinos, é a “precursora” da família sobrenatural que Maria, com a Sua Obra, quis criar aqui na Terra.

Nos últimos tempos, a sua saúde era muito precária e a quem, em Rocca di Papa - onde, durante muitos anos, viveu no focolar do p. Foresi -, lhe perguntava como estava, respondia: «Fisicamente mal, mas, espiritualmente, muito bem!». Nos últimos dias, apenas conseguia comunicar com a vivacidade dos seus olhos, ao mesmo tempo que um sorriso magnífico fazia transparecer a sua plena adesão à aproximação da morte. Um momento como este – escreveu em dezembro de 1960, comentando uma Palavra de Vida – deve estar «presente em todos os momentos da nossa vida» para viver com «uma fé viva» e com «este sinal de preparação, de espera, de vigilância».

O Giorgio nasceu em Pádua, em 1929. Quando frequentava a Faculdade de Medicina, conheceu a Bruna Tomasi, uma das primeiras focolarinas, estudante na mesma Faculdade. Apesar de ser dirigente diocesano do setor da juventude da Ação Católica, o seu coração continuava à procura, quer no plano ideológico, quer no plano da doutrina. Tinha dúvidas de fé cada vez maiores. «A Bruna – contava ele mesmo – falava-me de Deus, simplesmente. Eu percebia que não falava apenas,

mas vivia o que dizia». Numa conversa com ela e com a Giosi Guella, o Giorgio expôs todas as suas dúvidas, e, às respostas que elas lhe davam, baseadas no Evangelho, contrapunha: «Mas, no fundo, menina, estas coisas que diz, na verdade, eu já as sei». E a Giosi disse-lhe: «Está bem, mas põe em prática estas coisas?». Pergunta esta que o deixa muito abalado. A sua procura passou, assim, «dos livros, à vida» e, no fim de um dia passado a pensar sempre «nos outros e não em mim», experimentou uma grande alegria. A seguir, em Trento, conheceu também os primeiros focolarinos e, em Pádua, encontrou Gino Bonadimani, também ele natural de Pádua e estudante de Medicina.

Em março de 1952, confidenciou a Aldo Stedile (Fons), que se sentia – como ele, Marco Tecilla e ainda outros – chamado à virgindade, mas que não sabia se seria possível seguir esta vocação, pelo facto de ter «muitas dúvidas sobre a existência de Deus». Na manhã seguinte, fortalecido pela presença de Jesus no meio, com Lia Brunet, na catedral de Trento, disse o seu «sim». As dúvidas, porém, voltaram logo a seguir. Chiara, sabendo disso, no verão daquele ano, no último dia da Mariápolis, quis encontrar-se com ele. Depois de o ter escutado, disse-lhe: «Percebi que tens todas estas



O Fede (em cima, à esquerda) com Chiara Lubich e algumas das primeiras e dos primeiros focolarinos



À direita, o Fede com Aldo Stedile (Fons) e o Gino Bonadimani

complicações, mas lá no fundo tu, tu lá no fundo, acreditas em Deus». E, com o Evangelho nas mãos, leu-lhe o que Jesus disse a Marta, na altura da ressurreição de Lázaro: «Eu sou a Ressurreição e a Vida. Quem acredita em mim, mesmo que tenha morrido viverá. Acreditas nisto? (Jo 11,25-26). «Aqui está – disse Chiara – Vive esta Palavra de Vida: “Acreditas nisto?” e, se por acaso, voltares a ter dúvidas de fé, repete “Acreditas nisto?” E, como Marta fez, diz: “Sim, Senhor, eu acredito” Verás que conseguirás!». Naquela conversa, o Giorgio experimentou uma graça extraordinária: tudo se tornou claro, simples. Descobriu que tinha fé! No ano seguinte, durante uma viagem de comboio com Chiara, ela deu-lhe um nome novo: «Fede».

Para entrar em focolar, teve de superar várias provas: a opinião do Bispo sobre este novo modo de vida e a condição – imposta pelo pai – de que primeiro deveria acabar o curso. Mas, apesar de não poder ficar permanentemente no focolar, o Fede vivia plenamente e, em certos momentos, mesmo de forma heróica, «a sua fidelidade a Chiara, ao Ideal, e à Obra. Um amor com equilíbrio, para mim extraordinário, sempre presente em todas as etapas, mesmo nas mais difíceis da sua vida na Obra, até à última que o levou ao Paraíso», testemunha Palmira Frizzera.

Logo que se licenciou – com a nota máxima e com louvor, apesar das suas frequentes idas ao focolar – o Fede passou a fazer parte do focolar de Trento, trabalhando como dentista. Também em Roma, para onde se mudou nos finais de 1955, para colaborar com Chiara no Movimento, trabalhou como médico num consultório, juntamente com Gino Lubich, irmão de Chiara, e Enzo Fondi.

Convocado para o serviço militar, continuou a sua aventura de focolarino no quartel, em Florença, onde solicitou autorização para não estar presente no pequeno almoço e, assim, poder ir à Missa. Alguns

meses depois, eram vários os colegas que, todas as manhãs, participavam na Missa e, um deles, tornou-se focolarino. Apesar do serviço militar, seguia a comunidade que se estava a formar na Toscânia. Aconteceu o mesmo quando foi transferido para o quartel de Trapani, na Sicília. Além do serviço militar e responsável do Movimento, começou a estudar Filosofia.

Em 1961, foi para o Recife (Brasil), para um pequeno focolar de onde se via uma grande extensão de favelas, barracas muito pobres feitas de madeira, lata e papelão. «Desde o princípio – confidenciou – gostaria de ter ido viver para o outro lado do canal, com aquelas pessoas e fazer alguma coisa por elas, talvez como médico, ou outra coisa. Mas era preciso perceber qual era o projecto de Deus para nós». Projeto que, para ele, focolarino, era desenvolver a Obra que estava a nascer, e que, durante décadas, se foi realizando com a criação de muitas obras sociais, que ainda existem, no Brasil e em todo o mundo e, em 1991, a Economia de Comunhão. Em Abril de 1964, em Recife, com Chiara presente, o Fede foi ordenado sacerdote, pelo bispo D. José Adelino Dantas. Chiara, no dia 19 de abril daquele ano, no seu diário,



Recife, Abril de 1964. Fede com Chiara e o Bispo D. José Dantas



referindo-se à homilia do bispo - «O p. Giorgio é como uma catedral consagrada pelo Bispo, mas construída, pouco a pouco, desde sempre pelo Movimento» -, escreveu: «O focolarino sacerdote é uma outra pessoa, esta noite. Parece que um vazio ficou preenchido, como se a alma ficasse (como dizem aqui) “realizada”. Com estes focolarinos, a Igreja tem um tesouro e a Obra uma esplêndida coroa»¹.

No Natal daquele ano, Chiara confiou-lhe a construção da cidadela de Loppiano, onde tudo tinha de ser inventado, construído. Para Fede e para os cerca de vinte jovens que vinham de todas as partes do mundo para se prepararem para a vida do focolar, foram meses cheios «de imprevistos, de progressos,

de contratempos, mas também de gargalhadas, de grande alegria; e ainda de sabedoria, de oração, de contemplação».

Muito especial foi o seu serviço à Obra, como responsável dos focolarinos. Chiara tinha-lhos confiado já em 1957 e, também anos depois, até ao ano 2000. Tarefa que suscitava no seu coração uma profunda «gratidão a Deus por ter podido conhecer pessoalmente cada focolarino, por ter podido partilhar com cada um uma experiência espiritual profunda de unidade, vendo-os crescer realizados como cristãos e como homens, e alegrando-se com esta nova vocação na Igreja, que atraía pouco a pouco jovens de todas as raças, povos, culturas e classes sociais». O Fede dedicava uma grande atenção também aos focolarinos casados, cuja presença, como muitas vezes afirmava, «permite que o focolar respire com dois pulmões». Em 1995, passou a fazer parte da Escola Abbà, dando o seu contributo sobretudo nas áreas da psicologia, das ciências e da ética.

Depois da partida de Chiara para o Céu, e com o agravamento da falta de saúde, começou aquilo que o Fede gostava de definir «um dos períodos mais belos da minha vida, tanto que

muitas vezes me encontro a repetir a Jesus: “Não sabia que a velhice pudesse ser uma aventura tão bonita!”, caracterizada por uma «relação com Jesus cada vez mais íntima e profunda», e por um novo modo de «fazer qualquer coisa pelo Movimento

e, em particular, pelos focolarinos, ficar doente: sofrer, oferecer, rezar», como preparação para o «próximo encontro com Ele».

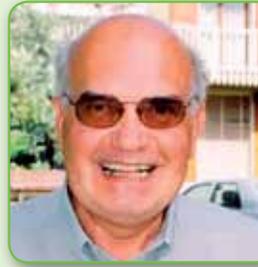
No funeral, além de vários testemunhos proferidos por focolarinos e focolarinas, comoventes e fortes, salientaram-se os dos dois sobrinhos que irradiaram a luz e o calor que o Giorgio levou à sua numerosa e bela família.

O Fede deixou-nos como herança a sua fé inquebrantável em Deus e no carisma da unidade, uma fé que caracterizou cada uma das suas acções, cada um dos seus relacionamentos, e que, com certeza, também lá de Cima continuará a apoiar-nos. Obrigado, Fede!

1 CHIARA LUBICH. *Diario '64-65, Citta Nuova, Roma*

Gianni Desanti

«O meu alimento é fazer a vontade daquele que me enviou e consumir a Sua obra» (Jo 4,34)



No dia 26 de abril, aos 79 anos de idade, Deus chamou a Si o Gianni, focolarino da Mariápolis Romana. «Em 1994 – ele próprio contava – ao mesmo tempo que o Ideal nascia em Trento, em Trieste (Itália), os meus pais estavam a separar-se, e eu e o meu irmão fomos para um colégio. Tinha apenas seis anos». Aos 16, voltou para casa do pai para frequentar o liceu, mas logo de seguida interrompeu os estudos e deixou de ir à igreja. No momento de maior escuridão, falou com um sacerdote e a seguir conheceu algumas pessoas do Movimento. Tendo reencontrado a relação com Deus e, depois de ter acabado o serviço militar, colocou-se a pergunta sobre o seu futuro: «Pus-me a viver com maior empenho a Palavra de vida – contava o Gianni – e tornou-se claro que a minha vocação era Deus, era o amor puro. E pedi para entrar em focolar».

Depois de Loppiano, foi para Bruxelas e, em 1968, para Roma, onde trabalhava na tipografia de *Città Nuova*. Esteve, por isso, nos Castelos Romanos e, durante vários anos, na Zona de Trento. A sua profissão de enfermeiro colocava-o em contacto direto com o sofrimento de muita gente. E também, pessoalmente, não faltaram momentos em que sentia surgir a sensação de que aquele Deus-Amor, que tinha escolhido, se apresentava agora de um modo novo. «Para depois compreender – contava ele próprio – que era sempre Ele e que a alegria e o sofrimento, a luz e a escuridão, a força e a fraqueza são aspectos do mesmo amor».

Há seis anos surgiu a doença e, em dezembro de 2015, a mudança para o focolar de Villa Achille, na Mariápolis Romana. E enquanto a saúde física desaparecia, o seu coração estava cada vez mais em Deus. Depois da Unção dos doentes e da indulgência plenária, cheio de alegria, disse aos focolarinos: «Agora tenho tudo, o vosso amor, o da Obra, o da Igreja, o sacramento acabado de receber, estou pronto. Quero viver cada momento em Jesus, para ficar no seio do Pai».



Fede com Kolia e Serghej, da Igreja ortodoxa russa

Piero Albertini

De carácter afável e forte na fé

Tinha 39 anos quando conheceu a espiritualidade de Chiara: «É a vida que sempre tinha procurado – escreveu Piero, focolarino casado de Perugia (Itália) – dou a minha alma a Maria, para que seja Ela a moldá-la à sua imagem». De carácter afável e forte na fé, tinha sempre um sorriso caloroso para com todos. Empenhado



em muitos projectos, tinha contactos com muitas pessoas que encaminhava para um cristianismo manifestado ou encontrado na alegria do Evangelho. Com a mulher, a Paola, empenhada de Famílias Novas, acompanharam várias gerações de casais, unindo ao aspeto

doutrinal a profundidade e a solidez da sua experiência. Abriam, com generosidade, a sua casa e nutriam um amor especial pelos sacerdotes. No seu caminho, existiram também contratempos na “subida íngreme”, como, por exemplo, quando a Annamaria, a filha mais velha dos seus quatro filhos, depois de um acidente de viação, perdeu a vida aos 21 anos. «Apesar de despedaçados pela dor – testemunha uma amiga – conseguíamos consolar e receber na luz todos os amigos e familiares que vinham a sua casa».

«Hoje faço 50 anos – escreveu Piero, em 1985 – e, durante a visita ao Santíssimo Sacramento, agradei a Jesus por esta vida que me deu, por todas as alegrias e os sofrimentos, mesmo os maiores... Posso dizer com convicção que, de um modo ou de outro, O amei sempre e que a minha vida foi vivida, com anseio, para Ele».

Depois de uma curta doença, na qual continuou a viver «sempre, imediatamente e só» a vontade de Deus, no dia 25 de abril, com 81 anos de idade, partiu para o Céu. A Missa, na catedral, presidida pelo Card. Bassetti, foi um agradecimento a Deus por uma existência inteiramente doada a Ele.

Esperanza Rillo

«Senhor, tu és o nosso Pai» (Is 64,7)



Há 50 anos, dois dias depois da chegada dos primeiros focolarinos às Filipinas, a Esperanza conheceu esta nova vida, e tornou-se uma das primeiras focolarinas casadas filipinas. Com o nome novo, Chiara confirmou-lhe «Speranza», a esperança evangélica que nunca engana ou desilude. Um nome que ela viveu de forma exemplar, colocando todas as situações, mesmo as mais difíceis, nas mãos de Deus. A Giò Vernuccio, naquela altura co-responsável da Obra na Zona, testemunha: «A Speranza e o seu marido, o Santi, tornaram-se logo uma coluna da Obra nas Filipinas, um ponto de referência para muita gente, devido à sua caridade notável e à sua grande generosidade». Dos seus 8 filhos, uma é religiosa carmelita, outro é focolarino casado, agora a viver no Texas, e uma neta, a Trixie, está no focolar, em Loppiano.

Há 20 anos, a Speranza e o Santi mudaram-se para uma casa construída por eles na Mariápolis Pace, à qual Chiara deu o nome de «Janua Coeli» (Porta do Céu). Naquela altura, disseram a Chiara: «Queremos partilhar contigo a nossa imensa alegria e gratidão por esta oportunidade de viver num pequeno Paraíso da Obra: a Mariápolis Pace... Com a presença constante de Jesus no meio, sentimo-nos rejuvenescidos, renascidos no Ideal. Esta é, sem dúvida, a experiência mais bela da nossa vida. Temos a certeza que, seguindo-te e permanecendo unidos a ti, nos faremos santos juntos para oferecer um lindo presente à Igreja e a Maria».

A casa deles estava sempre à disposição, o seu amor, muito concreto, tocava o coração de muita gente que lá ia. Isso também experimentou a Emmaus, quando foi visitá-los, na altura da sua viagem à Filipinas, em fevereiro de 2010.

No dia 28 de fevereiro, a Speranza, com 94 anos, partiu serenamente para a Mariápolis Celeste «onde agora desfrutará da alegria eterna – escreveu a Emmaus no telegrama – juntamente com o Santi (que partiu há 5 anos) e com os nossos que já chegaram lá em Cima».

Cristóvão Teles e Silva

«Quem permanece em mim e Eu nele, esse dá muito fruto» (Jo 15,5)

Focolarino casado do Recife (Brasil), no dia 5 de maio, depois de uma curta doença, o Cristóvão partiu para o Céu, com 75 anos de idade. Depois de uma juventude um pouco distante da Igreja, aos 33 anos, conheceu o Ideal, tendo ficado conquistado. No mesmo ano casou com a Carminha, que se tornou uma voluntária. Também as duas filhas, Sílvia e Cecília, aderiram ao Movimento. O Cristóvão era uma pessoa simples, receptiva, com uma grande capacidade para estabelecer relacionamentos. Apreciador da sabedoria, em Jesus Abandonado encontrava a solução para todos os seus problemas.



Tinha um novo trabalho havia pouco tempo, quando foi convidado para participar, no Centro da Obra, na Escola para focolarinos casados. Não tinha ainda direito a férias, mas pediu, do mesmo modo, a autorização, que lhe foi dada, com grande disponibilidade, pelo seu novo patrão. O Cristóvão aproveitava todas as oportunidades para comunicar a Chiara o que lhe ia na alma: «Estou contigo – escreveu-lhe em 1989 – no caminho da Santa Viagem. As provações chegaram, pequenas ou grandes, todas amor de Deus, vindas directamente das Suas mãos. Também na família, estamos todos ao serviço da Obra: sentimo-nos no coração de Maria». No focolar, o Cristóvão era uma presença viva. Em 1991, escreveu: «Primeiro que tudo, tenho que recomeçar por mim mesmo e, em unidade com o focolar, levar a muita gente a potência revolucionária do nosso Ideal».

Confiante na misericórdia de Deus, profundo, humilde e fiel, o Cristóvão estava sempre feliz, com um sorriso nos lábios. Dois dias antes de entrar no hospital confidenciou à Carminha: «Quero ir para o Paraíso!».

Francesco Mercati

«Quem permanece em mim e Eu nele, esse dá muito fruto» (Jo15,5).

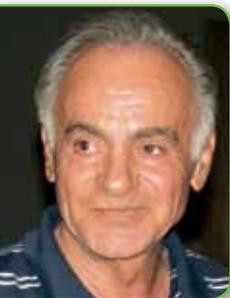
Focolarino casado de Forlimpopoli (Itália), o Francesco, depois de uma longa doença, partiu para o Céu, no dia 17 de maio, aos 90 anos de idade. Na juventude, marcada pela guerra, aderiu ao comunismo, tendo-se empenhado com radicalidade.



Licenciou-se em veterinária e começou a trabalhar com sucesso. Conheceu a Mercedes, com quem casou, e convidou-a para ir a Moscovo (Rússia) a um congresso mundial de jovens comunistas. Ela não aceitou o convite e, como era crente convicta, ofereceu-lhe um livro de meditações. Ao lê-lo, o Francesco entrou em crise. Desmoronam os ideais pelos quais vivia e, depois de uma luta interior, reencontrou a fé. Com a Mercedes, fez escolhas corajosas: depois do nascimento da Annamaria, a casa deles foi o lar, primeiro de um menino adotado e, mais tarde, de mais quatro crianças em regime de entrega educativa, que com amor ajudaram a encontrar o lugar deles na sociedade.

O Francesco tinha 40 anos quando conheceu um focolarino que o convidou para a Mariápolis, e aí encontrou aquela comunidade que, com a Mercedes, tinha sempre sonhado. Muito sensível ao diálogo com pessoas de convicções não religiosas, foi várias vezes a Moscovo, onde viveu no focolar e aprendeu a língua russa. No seu olhar límpido vislumbrava-se a profundidade da sua alma: como a criança do Evangelho, que quase não vê as dificuldades e sabe sempre recomeçar. Manso e humilde de coração, nunca expressou um juízo negativo sobre alguém. Era uma presença mariana e luminosa onde quer que estivesse.

Não faltaram os momentos de provação, mas ele conhecia bem a solução. Escreveu: «Agora todas as falhas, toda a minha miséria, já não me assustam: são Jesus Abandonado! Só o nada me dá certeza, o meu nada, que é o pedestal adequado para oferecer ao que é Tudo, que quer viver em mim».



Azir Selmani

O Primeiro muçulmano dos Focolares, na Macedónia

Natural do Kosovo, professor, casado e pai de três filhos, o Azir foi o primeiro muçulmano de Skopje (na Macedónia, para onde teve de se mudar por motivos políticos) a aderir aos Focolares.

«Em 1990 – contou ele próprio – tinha uma turma de estudantes todos muçulmanos, apenas um era católico e senti necessidade de o proteger. Como sinal de gratidão, os seus pais convidaram-me para a Mariápolis na Eslovénia, onde encontrei o amor, o Deus Uno, o Onnipotente!».

Desde então, o Azir abriu a sua casa aos encontros do Movimento, sempre disponível a dar o seu testemunho, a traduzir os textos de Chiara para os amigos albaneses. Juntamente com a mulher, a Behije, participava nos encontros inter-religiosos dos Focolares, também a nível internacional, durante os quais estabelecia relacionamentos de unidade e amizade com pessoas de todo o mundo. Em Roma, conheceu pessoalmente Chiara, a quem pouco a pouco comunicava as suas experiências mais profundas. «Durante o último Ramadão - escreveu a Chiara – lia atentamente o Corão e o Evangelho. Estou cada vez mais convencido de que o islão e o cristianismo escondem um tesouro comum que tem de ser descoberto com a boa vontade e o amor». E vendo os efeitos daquele diálogo corajoso e rico de comunhão, que se pratica no Movimento e no qual ele próprio participava, o Azir testemunhava: «Posso dizer que o sonho de Chiara se está a realizar».

Nos últimos seis meses, devido a uma doença, sofreu muito, mas seguindo a sua delicada sensibilidade pelo próximo, no limite das suas possibilidades, nunca disse “não” a uma visita. Cada uma delas foi um momento sagrado. As suas palavras sobre a Liberdade, sobre o Essencial, sobre a Eternidade, sobre a Verdade – valores de que foi sempre um autêntico pesquisador – permanecem inesquecíveis. Partiu para o Céu no dia 17 de abril, com 69 anos, deixando cartas, escritos, poesias e, como um mestre do diálogo, testemunhos sobre Maria de Nazaré no islão e sobre pontos comuns com o cristianismo.

Niko Hribar

Abubakar Yawe

Um discípulo do Diálogo, um verdadeiro filho de Chiara

Gen muçulmano de Yakoko (Nigéria), o Abubakar partiu inesperadamente para o Paraíso, no dia 26 de março, com 29 anos de idade. Tirou o curso de técnico de laboratório no Instituto Politécnico da sua cidade e, há oito anos, conheceu o Ideal, demonstrando-se logo um apóstolo da unidade.

Na Mariápolis, pela primeira vez na sua vida, encontrou-se sozinho num quarto com um cristão. Depois de uma noite quase sem dormir devido ao medo, decidiu não dar atenção aos muitos preconceitos que circulavam e, no amor, começou a relacionar-se com ele: uma experiência que, juntos, contaram depois a toda a Mariápolis. Uma outra vez veio a saber que um cristão, sem querer, entrou numa zona muçulmana, ficando em perigo de vir a ser morto. O Abu (era assim que os Gen o chamavam) foi ter com ele e disse-lhe: «Agora tu és mudo e surdo, e se alguém te perguntar quem és e o que fazes, tu não percebes nem respondes». Graças a esta estratégia, aquele homem, que foi repetidamente obrigado a parar e inutilmente interrogado, foi salvo. Muitas vezes, na sua comunidade muçulmana, perguntavam-lhe se tinha intenção de se converter ao cristianismo: «Somos todos filhos do mesmo Pai – respondia o Abu -, não devemos fazer nenhuma discriminação entre nós, eu sou muçulmano e continuo como tal».

Nos últimos dias, sofrendo de febre tifóide, sentia-se sem forças, mas queria, de igual modo, encontrar-se com os gen para programar as atividades futuras. Veio a ser esta a sua última saudação. Tendo piorado, a família decidiu levá-lo ao hospital, mas, durante o trajeto, a sua alma levantou voo para Deus. E nem sequer duas horas depois, conforme os costumes islâmicos, foi sepultado. O Austin, o branco da unidade gen, escreveu: «Estar perto do Abu era sempre uma graça, porque vivia o Ideal com intensidade, não pensava nunca em si próprio mas sim nos outros, convicto de que a vida vivida bem pode mudar o mundo».



Ir. Mary Jane Pinto

O anjo dos presos

Nascida no Quênia, aos 15 anos, a Mary Jane decidiu tornar-se religiosa. Entrou na Congregação da Sagrada Família de Nazaré, em Goa. Entendeu profundamente a espiritualidade da unidade, que viveu com intensidade na sua congregação e com todos os próximos que encontrava. Vivía em uníssono com o focolar, ficando feliz com todas as notícias que lhe chegavam.

Maria Tomka Miklosne

O que vale mais é a unidade



Tendo nascida numa família nobre, proprietária de terrenos em Budapeste (Hungria), a Maria estudou piano na Academia de Música. Casou-se ainda muito nova com um economista e tiveram cinco filhos. Durante a guerra, foram deportados para uma pequena aldeia, em condições muito difíceis, obrigados a fazerem trabalhos manuais para se sustentarem: um destino muito comum nas famílias nobres e cristãs nos países comunistas. Muitas delas ficaram física e psicologicamente destruídas. Graças à fé em Deus, a família de Maria conseguiu reerguer-se. Os filhos conseguiram todos encontrar um caminho na vida. O filho Feri tornou-se sacerdote e foi através dele, que é um focolarino, que a Maria conheceu a espiritualidade de Chiara. Apesar dos seus 60 anos, com grande entusiasmo, empenhou-se na vocação de voluntária.

Por causa da sua humildade e pela experiência de uma vida dura e de trabalho, a Maria era uma verdadeira dádiva para o seu núcleo. Nunca satisfeita consigo própria, procurava a perfeição, convencida, porém, de que o que mais vale é a unidade. Com o avançar dos anos, começou a desapegar-se das suas coisas e também dos seus amados livros, que ofereceu: «Na minha idade – dizia – fica só o que é verdadeiramente importante: uma relação cada vez mais estreita com Deus». A Maria partiu para a Mariápolis Celeste no dia 16 de julho de 2015, com 98 anos de idade.

Zsuzsanna Horvath Varga

Foi superiora geral da congregação em dois mandatos, durante os quais fundou novas missões e, impulsionada pela opção instintiva e preferencial pelos mais desafortunados, que a caracterizava, deu início a novas áreas de apostolado. Numa favela de Goa, criou uma clínica para dar alojamento e trabalho a raparigas resgatadas da vida da rua. Depois de um acidente de viação, que a deixou em coma durante meses, percebeu que Deus lhe confiava um outro Seu rosto para amar: os presos. Ao visitá-los, deu-se conta da extrema necessidade em que viviam e, com o apoio dos funcionários, conquistados pela sua grande dedicação, desenvolveu na cadeia vários programas de alfabetização e formação profissional, aulas de viola, yoga, etc., semeando a esperança. Num jornal que anunciava a notícia de um prémio que lhe foi atribuído, foi chamada «o anjo dos presos». No dia 20 de abril, com 75 anos de idade, a Ir. Mary Jane concluiu a sua Santa Viagem, deixando atrás de si um rasto de luz.



Marilù Rossi

Os nossos parentes

Passaram à Outra vida: **Bernard, irmão, e Victorine, irmã do Theophile Yameogo**, focolarino em Madagáscar; **Anthony, irmão do Eddie Hsueh**, focolarino em Hong Kong; **Apolonio, pai do Luís Carlos Almeida**, focolarino em São Paulo (Brasil); **Marie, mãe da Régine-Marie Peron**, focolarina em Nantes (França); **José, irmão do Javier González**, focolarino na cidadela Castelo Exterior (Espanha); **Felisa, mãe do Javier Rubio**, focolarino em Bilbao (Espanha); **Amadeo, pai da Marcela Boldú**, focolarina em Castell D'Aro (Espanha); **Maria do Rosário, mãe da Maria do Céu (Cielito) Isidro**, focolarina em Loppiano; **Emanuele, pai da Rita Giombarresi**, focolarina no Centro Mariápolis de Trecastagni (Itália); **Anna, mãe da Elfriede Glaubitz**, focolarina em Solingen (Alemanha); **Moisés Severino, pai da Nazaré e da Ivete Pereira**, focolarinas na Mariápolis Glória (Brasil); **José Jurandir, pai do Ricardo Moura**, focolarino em Curitiba (Brasil); **Maria Luisa, mãe da Barbara Binda**, focolarina na Argélia; **Miguel, pai da Maria do Carmo Almeida**, focolarina no Luxemburgo; **Luisa, mãe da Simonetta Magari**, focolarina em Roma; **Gabriele, pai do Rino Ventriglia**, focolarino casado de Nápoles; **Licia, irmã da Eliana (Cor) e da Leila Aparecida(Gioia) Silva**, focolarinas na Mariápolis Romana.

MARIÁPOLIS Noticiário interno do Movimento dos Focolares

Revista mensal • Número avulso: € 1,50 • Ano XXXI • Junho de 2016 • Propriedade: Movimento dos Focolares (Obra de Maria) • Morada: **Cidadela Arco-Íris • Rua Senhora da Graça, 60 • 2580-042 ABRIGADA • Tel.: 263 799 995** • Diretora : Filomena Viegas • Tiragem: 350 exemplares • Impressão e pré-impressão: Impresso na U.E. • Colaboradores: Sara Cruz • Isenta de Registo na E. R. C. (ao abrigo do Decreto Regulamentar 8/99 de 9/6, Artigo 12º. nº1a).

Bootcamp – Um verdadeiro processo comum

“Saio daqui uma pessoa mais rica, com mais confiança e mais motivação para aplicar o que aprendi.”; “Senti que a participação de cada um foi um importante contributo para a experiência de comunhão que fizemos e para o produto final do nosso trabalho.”; “... Sinto que sou mais pessoa.”; “Levo comigo uma orientação para o trabalho, mas sobretudo uma orientação para toda a minha vida”.

Novas palavras que dizem experiências novas!

Projeto RAISE. BOOTCAMP de Empreendedorismo de comunhão ...

O **RAISE** (Resposta Alternativa de Integração Social e Empreendedorismo) promoveu o primeiro **BOOTCAMP** de Empreendedorismo de Comunhão. Durante dois fins-de-semana de trabalho intenso, de capacitação para a inserção no mercado de trabalho, os 20 participantes de várias idades e formações estiveram no Pólo Empresarial de Economia de Comunhão da Cidadela.

Efetivamente a AMU, em aliança com a Economia de Comunhão, quer ser, através do RAISE, **uma resposta de apoio aos desempregados da região ao redor da cidadela.**

O Bootcamp mostrou ser uma excelente oportunidade para que os seus integrantes experimentassem desenvolver ideias de ne-



gócios, adquirissem competências empreendedoras, tendo como referência os princípios da Economia de Comunhão.

Na conclusão do fim-de-semana (4-5/06) da 1ª fase do Bootcamp, os 7 grupos de trabalho apresentaram um modelo de negócio, e enriqueceram a sua mala levando a experiência de comunhão que, desde o início, marcou fortemente o próprio projeto nascente.

No fim-de-semana (25-26/06) da 2ª fase o grupo de 13, agora já neo-empresendedores, partindo do modelo desenvolvido na 1ª fase, dedicaram-se a aprofundar um esboço de plano de negócio, para implementar a ideia inicial.

Tudo foi articulado em várias sessões técnicas e temáticas: ideia, produto, viabilidade, sustentabilidade ou financiamento; a EdC, o empreendedor EdC, os 7 aspetos da gestão empresarial, o impacto da comunhão na vida das empresas ... através de várias horas de trabalho com contabilistas, consultores e empresários de EdC. Estes ajudaram a desenvolver cada projeto, a explorar a sua sustentabilidade e a encontrar a forma mais favorável de constituição da futura empresa... No final, os 8 projetos resultantes foram apresentados a um júri, que premiou 3 deles.

O acompanhamento destes 8 projetos empresariais vai continuar a ser feito no âmbito do projeto RAISE.

